

DIMENSÃO DA MATURIDADE À LUZ DA LOGOTERAPIA

*Tadeu Antonio Libardi**

Resumo

O artigo aborda o tema da maturidade humana à luz da logoterapia, fundada por Viktor Emil Frankl. Nos dias de hoje, existe a frustração existencial, não mais a sexual, como analisada por Freud. Cada ser humano, como pessoa livre e responsável e tendo como meta a busca da maturidade, vai percorrendo seu próprio caminho, que o leva à aceitação de si, de seus limites e potencialidades e ao relacionamento social e religioso, capacitando-o ao confronto com o sofrimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Viktor Emil Frankl. Logoterapia. Freud. Maturidade humana. Felicidade.

Abstract

This paper deals with the problem of human maturity by the light of Viktor Frankl's logotherapy. Today prevails the frustration of existence and not that of sexuality as analysed by S. Freud. Every human being, as a free and responsible person, aims to maturity, going its own way, which leads to self-acceptance and its limits, its potentialities and to the social as well religious relation, making it able to face the human sufferings.

KEYWORDS: *V. E. Frankl. Logotherapy, Freud. Human maturity. Happiness.*

A Modernidade, a Pós-modernidade, a universalização do saber, a velocidade com que a cultura sofre transformações, a globalização da economia e da informação e tantos outros motivos, estremecem as bases

* Cursando Mestrado em Psicologia na UPS – Roma.

das relações humanas e colocam o ser humano em crise, arrastando consigo a sociedade.

A humanidade hoje sofre com a ausência de paradigmas, sofre com o vazio existencial provocado por um saber dominador; sofre porque as pessoas se enclausuram num mundo carente de significado, carente de relações humanizantes e, conseqüentemente, condenado ao fracasso e à morte.

Os inúmeros fatos registrados pela história, no último século, marcam essa transição que a humanidade está sofrendo e que jamais esquecerá. Não se tem registro na história de que outra época tenha sofrido transformações socioculturais e de valores, tão velozes e profundas, como a atual.

As duas grandes guerras mundiais, a perseguição nazista, a guerra fria, a ação crescente do terrorismo, a violência instituída da qual somos testemunhas hoje, expressam o grande vazio existencial ao qual a humanidade chegou e deixa antever que ela está caminhando para abismos ainda mais insólitos e desconhecidos.

É nesse contexto que Viktor Emil Frankl (1905-1997) adquiriu expressão, sendo testemunha viva do massacre de quase 8 milhões de inocentes, nos campos de concentração, em conseqüência da perseguição anti-semítica. Testemunhou as duas grandes guerras mundiais do século XX, e acompanhou o desenrolar da história, diga-se de passagem história violenta e marcada pela exclusão, massacre e crescente desumanização.

Aprofundaremos a maturidade como meta de todo ser humano. Maturidade como aceitação de si, de seus limites e potencialidades. Maturidade como caminho de relacionamento social e religioso. E maturidade como capacidade de confronto com o sofrimento humano.

1 Maturidade como meta de todo ser humano

Maturidade como meta de todo ser humano significa crescer em contínuo processo de desenvolvimento em todas as suas dimensões. Nesse processo de desenvolvimento, a maturidade do indivíduo possibilita a capacidade de ser livre, coerência com sua realidade, empenho na sua existência e responsabilidade ao reconhecer os seus próprios limites e capacidades.

A logoterapia interpreta «*o ser humano como um ser que, em última instância, está propriamente buscando*»¹ uma meta para a sua maturidade,

¹ FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia para todos*. Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Petrópolis: Vozes, 1990.

porque o ser humano está sempre orientado para algo que ele próprio não é, isto é, uma meta a realizar, ou com quem ele se encontra. O próprio fato do ser humano, que vai além dele próprio, constitui a transcendência, que caracteriza a essência da existência humana².

A crise moderna deriva precisamente de um vazio existencial, que se manifesta através do conformismo ou do totalitarismo, provocando uma atitude provisória diante da existência humana³. Mas não é somente nas situações extraordinárias que o homem deve transcender a si próprio; se assim fosse, nessas situações não seria capaz de fazê-lo. É no dia-a-dia que o homem precisa ter a clara consciência da sua meta pessoal, isto é, da sua maturidade.

Não se vive mais, como na época de Freud, num ambiente de frustração sexual, mas de frustração existencial. Vazio existencial, tal como o denomina Frankl, é um profundo sentimento de que a vida não tem sentido⁴. Vivemos numa época em que predomina esse sentimento, especialmente entre os jovens.

Segundo Maslow, o ser humano tem uma meta de maturidade, quando cresce na motivação e na satisfação das suas necessidades fundamentais e no seu potencial de desenvolvimento, isto é, a satisfação das necessidades fisiológicas, de segurança, afeto, auto-estima e auto-realização.

Mas o que dizer àqueles que defendem a teoria de que o homem nada mais é que produto de muitos fatores ambientais condicionantes, sejam de natureza biológica, psicológica ou sociológica? O homem é só um produto acidental desses fatores?

A resposta é dada em primeiro lugar pelo prisioneiro 119.104, uma experiência de vida no campo de concentração (*Lager*). Ele mostrou-nos que o ser humano pode muito bem agir fora do esquema e que a vida humana tem uma meta que nos leva à maturidade⁵.

O tipo de pessoa, em que se convertia o prisioneiro, nos diz Frankl, era resultado de uma decisão madura e não unicamente produto do campo.

² Cf. FRANKL, Viktor E. *Um sentido para a vida*. São Paulo: Santuário, 1989.

³ Cf. FIZZOTTI, Eugenio. *Sulle tracce del senso. Percorsi logoterapeutici*. Roma: Las, 1998.

⁴ Cf. FIZZOTTI, Eugenio; CARELLI, Rocco (a cura di). *Logoterapia applicata. Da una vita senza senso a un senso nella vita*, p. 44.

⁵ Cf. FRANK, V. *Uno psicologo nei Lager*. Milano: Ares 2003, p. 50-71.

Ele relata que alguns se tornaram porcos, cometendo indignidades ou traindo seus companheiros, enquanto outros se tornaram santos repartindo os pedaços de pão que lhes restavam, aceitando dignamente os sofrimentos que lhes eram impostos ou caminhando de cabeça erguida para os fornos crematórios, com uma prece nos lábios.

Se existe um ponto, pelo qual Frankl confirma que o ser humano tem um «*sentido de responsabilidade*»⁶, este ponto é a meta que o conduz à maturidade. Este é um pressuposto presente em quase todas as suas obras.

A liberdade e a responsabilidade constituem, pois, o eixo da antropologia frankliana. A concepção que conduz o ser humano à maturidade.

O importante é que a liberdade e a responsabilidade têm uma meta para o Transcendente, isto é, não é só uma liberdade e responsabilidade de, mas é uma liberdade e responsabilidade para.

O ser humano é responsável perante si mesmo. É chamado a ter responsabilidade ao responder e ao dar respostas aos questionamentos da vida a cada momento. Portanto, a vida cobra de cada ser humano uma resposta que corresponda a sua própria vida. Essa capacidade reservada à pessoa de dar e de receber respostas, reservada exclusivamente ao homem, faz dele um ser maduro⁷.

«*O ser humano é livre e responsável*»⁸. A liberdade e a responsabilidade, juntamente com a espiritualidade, fazem parte da dimensão noética do homem. O pensamento frankliano considera o homem, não só um ser que pergunta, mas que responde, e essa resposta tem a ver com a meta que o conduz à maturidade⁹.

A maturidade como meta de todo ser humano se dá naturalmente, quando seguimos a nossa consciência, que nos manda organizar o nosso futuro e intervir, sempre que seja possível, mas que também exige de nós a disposição para carregar, quando chegar a hora, o peso do nosso dia-a-dia e dar ao sofrimento um sentido verdadeiro.

⁶ FRANKL, V. *Dio nell'inconscio. Psicoterapia e religione*. 5. ed. Brescia: Morcelliana, 2002, p. 21.

⁷ Cf. FRANKL, V. *Um sentido para a vida*, p. 13-37.

⁸ FRANKL, V. *La vita come compito. Appunti autobiografici*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1997, p. 11.

⁹ Cf. LÄNGLE, Alfred. *Viver com sentido*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 65-75.

«A responsabilidade é um elemento essencial que atribuímos à personalidade do indivíduo, não apenas a consideramos de uma prospectiva ética»¹⁰.

Pensamos que Frankl, como tantos outros homens, encontrou o sentido da sua vida, deixando-nos um horizonte aberto, para podermos percorrer o nosso próprio caminho. Nossa tarefa agora será a de nos apropriarmos dessa sua meta em vista da maturidade.

O ser humano vive em busca de sentido, que significa realizar valores na vida¹¹. E quando não encontra esse sentido, pode adoecer ou desenvolver vários tipos de neuroses. Trata-se de buscar, dentro de cada pessoa, as coisas sadias que estão preservadas, pois ao contrário do que se imagina, o homem não é impulsionado pelo prazer, mas sim puxado por seus valores.

O encontro com esse sentido pessoal e intransferível tem força terapêutica e permite ao indivíduo que ele se organize em auto-superação e transcenda-se a si mesmo.

As pessoas, hoje, vivendo numa época assustadoramente pobre no campo dos valores, sentem-se vazias do sentido da vida. O ser humano sonda o espaço sideral, ilumina o corpo humano com novos raios, pesquisa o fundo dos oceanos; porém, as forças mais primitivas aninhadas em seu próprio peito permanecem terreno inculto e quase inexplorado.

Não é de se estranhar que, diante desse panorama de pobreza de valores, se intensifique, em nossa época, a busca pelo espiritual como tentativa de preenchimento do vazio. A entrega às drogas e ao álcool também prolifera como tentativa desesperada de conseguir alívio. O problema do sentido da vida é uma dimensão verdadeiramente humana que o paciente leva ao terapeuta como resultado de suas lutas e angústias espirituais. Nunca deve ser interpretado como um simples sintoma.

Segundo Frankl, a sensação da perda de sentido se apodera cada vez mais do homem de hoje e está presente no fundo de uma neurose experimental ou de uma neurose coletiva¹². No campo de concentração, os prisioneiros que tinham mais fortes metas e motivações para voltar, os que

¹⁰ FRANKL, V. *Le radici della logoterapia*. Scritti giovanili 1923-1942. Roma: Las, 2000, p. 47.

¹¹ Cf. LÄNGLE, *op. cit.*, p. 31-32.

¹² Cf. FIZZOTTI, Eugenio; CARELLI, Rocco (a cura di). *Logoterapia applicata. Da una vita senza senso a un senso nella vita*, p. 45-48.

mantinham um propósito para as suas vidas, foram os que tiveram mais chances de sobreviver¹³.

«*O sentido da vida é ela mesma*»¹⁴, acrescenta Frankl.

Logo, desejar cumprir uma meta, transmitir uma mensagem, partilhar, além de ajudar a superar a crise existencial da finitude, alimenta o gosto pela vida. Ou seja, ter para quem e para quê voltar, fez buscar os meios para prosseguir capacitando o indivíduo a elevar-se acima dos seus problemas imediatos, a transformar as dificuldades em desafios a serem transpostos, a relacionar-se com uma dimensão indestrutível e fundamental do seu ser. Nessa ótica, pois, ser capaz de investir no senso de significado existencial constitui um indicador de maturidade psicológica, entendendo-se que, somente com um compromisso para além de si próprio, o ser humano caminharia rumo à meta da sua maturidade.

Portanto, a vida do ser humano é todo um peregrinar, onde a meta é o sentido da própria vida. É vivendo que vamos construindo o caminho e, conforme o modo como vivemos, pode ser o bom ou o mau caminho, somos responsáveis pela nossa meta.

2 Maturidade como aceitação de si, de seus limites e potencialidades

O ser humano que não tem sentido na vida nega-se a aceitar seus próprios limites e os limites dos outros, faltando com o respeito a si e aos demais.

Durante nosso desenvolvimento, caminhamos para a percepção clara de nossos limites e potencialidades que poderíamos chamar de poder pessoal, ou simplesmente de maturidade.

Na vida adulta nos descobrimos interdependentes com o meio, precisamos nos relacionar para sobreviver, precisamos do outro e o outro de nós. A maturidade se faz, quando percebemos essa difícil e delicada inter-relação, pois, para nos relacionarmos, precisamos conhecer nossos limites e os limites dos outros. A sociedade impõe regras inerentes à sua cultura, e o ser humano impõe regras inerentes à sua maturidade.

¹³ Cf. FRANKL, V. *Uno psicologo nei Lager*, p. 140-152.

¹⁴ FRANKL, V. *Homo Patiens. Soffrire con dignità*. 2. ed. Brescia: Morcelliana, 2001, p. 71.

A nossa capacidade de tolerar frustrações é a base da maturidade, principalmente porque nos dá a habilidade necessária para distinguir a fantasia da realidade. O ser humano é falível, porém cheio de potenciais que precisam ser descobertos para serem estimulados e aproveitados¹⁵.

O sentido da vida do ser humano é o que o move, o que o impulsiona para saborear a vida. Quando acreditamos que o mundo nos deve algo, que ele é mau, uma das alternativas que algumas pessoas encontram é agredir o mundo, usando a falta de sentido para tal fim. O mundo não é bom ou mau, ele é as duas coisas, assim como o ser humano também o é.

A arte de fazer escolhas ou nossa capacidade de tomar decisões está relacionada à noção de ter ou de perder algo para ganhar algo e relaciona-se com nossa capacidade de avaliar os reflexos de nossos atos, assumindo a responsabilidade pela consequência de nossas ações¹⁶.

A maturidade como aceitação de si, implica também a compreensão de que a onipotência é apenas uma ilusão criada por nossa mente, inicialmente primária, para nos ajudar a sobreviver à nossa fragilidade humana.

Precisamos desenvolver nossa capacidade de rir de nós mesmos, num movimento de aceitação, tanto de nossas características boas como das não tão boas, para que possamos ter a humildade de tentar superá-las. São as potencialidades e as possibilidades que permitem ao ser humano, num contínuo vir-a-ser, que dão um verdadeiro sentido à sua existência.

A auto-realização se concretiza mediante um crescimento pessoal cheio de significado e sentido. É a existência que, confundindo-se com as próprias possibilidades, vai direcionando o indivíduo na sua autodescoberta e aceitação de si mesmo e da sua condição humana. Uma vida plena de sentido se constrói, buscando e encontrando o significado de cada experiência cotidiana¹⁷.

O ser humano é caracterizado pela capacidade de ir além de si, está dirigido a algo ou alguém diferente de si. Viktor Frankl denominou de autotranscendência essa abertura radical do ser humano à realidade. «Ser

¹⁵ Cf. FRANKL, V. *Dio nell'inconscio. Psicoterapia e religione*, p. 129-132.

¹⁶ Cf. LÄNGLE, *op. cit.*, p. 13-20.

¹⁷ Cf. FRANKL, V. *Senso e valori per l'esistenza. La risposta della logoterapia*. Roma: Città Nuova, 1998, p. 64-65.

homem necessariamente implica uma ultrapassagem. Transcender a si próprio é a essência mesma do existir humano»¹⁸.

O homem não se contenta em permanecer fechado em si mesmo, reconhece que lhe corresponde profundamente viver por um ideal, por uma finalidade última.

É na relação com a realidade que o homem descobre suas potencialidades, necessidades e as possibilidades de nela intervir; é no encontro com o real que se pode reconhecer a singularidade e unicidade de seu ser.

A existência humana, a existência pessoal, representa uma forma especial de ser pessoa, significa um absoluto ser – diferentemente. Com efeito, o essencial e valioso caráter de algo único de cada homem não significa senão que ele é precisamente diferente de todos os outros homens. Assim, cada homem é único e irrepetível, tem um modo próprio de existir, um ser assim que lhe permite responder a circunstâncias irrepetíveis, afirmando valores que só ele seria capaz de fazer, naquele momento, daquela maneira.

É própria do ser humano a capacidade de decidir, de agir e, portanto, de responsabilizar-se. Uma das manifestações da natureza humana é a capacidade de agir com autonomia e responsabilidade, de posicionar-se diante da realidade com autodeterminação. Ser responsável significa assumir decisões e atitudes dentro das circunstâncias concretas da vida, afirmar valores e posicionamentos, a partir de critérios que são identificados pela consciência.

O ser humano é responsável, porque é livre, porque é um ser que decide, escolhe como proceder em sua existência. A liberdade é a capacidade do homem de conduzir-se a si mesmo, de estabelecer, orientado pela consciência, os critérios que nortearão seus atos e escolhas, de decidir-se pelo bem.

Portanto, a necessidade central do ser humano não é diferente da dos outros seres vivos. Ele também é chamado a desenvolver suas potencialidades inerentes, isto é, vir a ser o que realmente se é. O sentido da vida humana é realizar as suas potencialidades.

Para exercer essas potencialidades, especificamente humanas, como a responsabilidade e a liberdade, é preciso um processo educativo no qual

¹⁸ FRANKL, V. *Psicoterapia para todos. Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*, p. 11.

o ser humano possa desenvolver sua maturidade para descobrir o sentido da sua vida e vontade que possui para realizá-lo.

3 Maturidade como caminho de relacionamento social e religioso

A maturidade como caminho da experiência religiosa segue ao encontro direto com as principais questões existenciais do ser humano e, nesse sentido, podemos dizer que a experiência religiosa faz parte da experiência originária do homem. A vivência do homem, no mundo, ocorre sempre de forma fragmentada, por isso tende sempre à totalidade do ser, tanto em seus projetos como em suas realizações.

A superação dessa experiência de finitude existencial vem com a experiência religiosa, fazendo o ser humano abrir-se para a infinidade de seu ser e neste momento aparece a vivência religiosa, isto é, «*jóia, esplêndida, cintilante, divina*»¹⁹.

Nossa investigação do transcendente, do divino, na vivência do ser humano e na descrição do religioso, não se esgota por aqui, porque o religioso tem a possibilidade de se manifestar de muitas maneiras.

Outra análise do estado religioso surge na Logoterapia, a qual afirma que a realidade, vista como um todo, inclui a dimensão sobre-humana, onde reside o sentido último da existência. Para Freud, a religião era classificada na categoria das neuroses da humanidade.

Abraham Maslow pensava ser anormal a pessoa que não se interessasse por questões religiosas.

Viktor Frankl entendia a religião como a busca do ser humano por um significado, a manifestação do anseio por um sentido último. Em resposta à pergunta: qual o sentido da vida humana? «*Albert Einstein disse que a devida resposta a esta pergunta é ser religioso*»²⁰.

O ser humano sempre teve conhecimento de uma dimensão inacessível à sua natureza. Qualquer ser humano pode ter uma experiência, uma visão direta, como os profetas, místicos, e artistas experimentaram e experimentam visões dessa intensidade e têm clareza extraordinária. As grandes religiões têm sua origem, geralmente, na experiência de seu fun-

¹⁹ FRANKL, V. *Le radici della logoterapia. Scritti giovanili, 1923-1942*, p. 19.

²⁰ FRANKL, V. *Senso e valori per l'esistenza. La risposta della logoterapia*, p. 159.

dador, que, ao longo dos anos, é transmitida aos seguidores por meio de um conjunto de experiências religiosas.

A logoterapia distingue no homem três dimensões: a biológica, a psicológica e a noológica (ou propriamente do ser humano). Ela trabalha com a dimensão supra-humana que não pode ser penetrada, cujos limites não podem ser tocados. Essa dimensão foi definida como o sentido último ou supra-significado.

A compreensão que Frankl tem da dimensão suprema é comparada com o animal, ou seja, da mesma forma que a dimensão sobre-humana, que é a dimensão mais universal e é infinitamente superior ao ser humano, compreende todas as coisas e o ser humano, assim também o homem é um animal infinitamente superior aos animais²¹. Assim como o animal não pode compreender o mundo do homem, na sua dimensão animal, o homem também não consegue compreender a dimensão sobre-humana e as finalidades que a regem na sua dimensão de ser humano.

Por mais que o conceito de homem ofereça uma explicação racional, o ser humano precisa de algo a mais do que o argumento intelectual: precisa de uma experiência real da transcendência, que, segundo Maslow, pode ser experimentada por qualquer pessoa. É essa experiência que se tornou objeto de investigação psicológica, iniciada por Abraham Maslow, um dos pioneiros nessa área. Além disso, essa experiência pode ser de tal intensidade, que traz ao homem uma vivência de êxtase, onde se abre o seu sentido para o cosmos, ou então, a compreensão da existência e participação do todo, levando até mesmo a unir pessoas.

A consciência (vivência) religiosa do ser humano pode despertá-lo para sentimentos de culpa, angústia, como também para a plenitude, satisfação e felicidade. A descoberta de Maslow é que as experiências que provocam sensações de felicidade não necessariamente precisam ser em locais sagrados.

A compreensão da dimensão sobre-humana pode trazer ao indivíduo uma segurança de que existe uma ordem no universo. Dentro dessa ordem ou realidade, cada indivíduo deve descobrir qual é o seu papel. Se o indivíduo não tiver experimentado essa realidade, ou seja, não se tenha integrado nela, ele estará exposto a sofrer uma neurose²².

²¹ Cf. LÄNGLE, *op. cit.*, p. 41-43.

²² Cf. FRANKL, V. *Alla ricerca di un significato della vita*. Milano: Mursia, 1974, p. 113-126.

Essa busca pelo seu papel na realidade é uma convicção profunda e, por mais inconsciente que ela seja, permeia o lado religioso ortodoxo, liberal, ou o cientista agnóstico. O cientista também, porque até a própria ciência parte de um pressuposto de que o universo integra um todo coerente.

Essa fé inconsciente do ser humano está englobada e incluída no conceito de seu inconsciente transcendente; significa, então, que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação, embora inconsciente, com Deus. É justamente esse Deus que chamamos de Deus inconsciente. Nesse relacionamento, Frankl acrescenta que não está afirmando que Deus seja, em si mesmo e por si mesmo, inconsciente, ao contrário, quer dizer que, às vezes, Deus permanece inconsciente para nós, que nossa relação com ele pode ser inconsciente, ou reprimida e, assim, oculta para nós mesmos²³.

Pelas mudanças radicais que o homem teve da compreensão do mundo físico e religioso, torna-se cada vez mais difícil abrir os olhos para a realidade transcendente à nossa dimensão, podendo provocar um sentimento de vazio, angústia, etc. A logoterapia apresenta a religião como um dos meios pelos quais a humanidade consegue encontrar sentido²⁴.

Como diz Frankl, a logoterapia limita-se a afirmar o seguinte: o homem está buscando, mas jamais consegue determinar se o que busca é um deus que ele mesmo inventou, um deus que descobriu, um deus que nunca poderá encontrar, ou simplesmente a busca si a mesmo.

A crença no ser humano como ser espiritual nasce com a logoterapia, que percebe o ser humano como um ser bio-psico-socio-espiritual. A religião é a consciência que o homem tem de sua dimensão sobre-humana e, nessa dimensão, se apóia à fé básica no sentido último da vida.

Cada ser humano tem uma instância que nenhuma doença jamais conseguiria atingir: é a dimensão noética, a espiritualidade imaculada, o Deus vivo na intimidade da pessoa humana.

Frankl referia que uma missão a cumprir na vida, um sentido a realizar, influenciava sobremaneira a saúde geral da pessoa. Essa missão poderia ser um objetivo de vida adequado, alguém que se ama, ou um trabalho a desenvolver, em síntese, uma atividade externa ao indivíduo que esteja de acordo com suas aptidões, que ele seja capaz de enfrentar e que ofereça

²³ Cf. FRANKL, V. *Dio nell'inconscio. Psicoterapia e religione*, p. 25-35.

²⁴ Cf. FRANKL, V. *Logoterapia e analisi esistenziale*, Brescia: Morcelliana, 2001, p. 247-253.

desafios permanentes. Ilustra essas considerações com a situação de campo de concentração, onde sobreviviam e se mantinham íntegros aqueles que possuíam uma visão positiva da vida e do mundo, mesmo frente a condições tão desfavoráveis.

A sua experiência vivida nos campos de concentração é como um substrato que o autoriza a integrar o espírito como uma dimensão do ser humano. Sua obra é vista com certa reserva pela maioria dos psicólogos, assim como outras teorias do referencial humanista, por representar uma visão demasiado otimista e saudável do ser humano.

O ser humano é transcendente, espiritual, no qual o encontro (amor) e a realização (o cumprimento da própria missão) supõem a satisfação de um desejo de sentido existencial²⁵.

Daí encontra o seu sentido a frase de Karl Jaspers, o qual diz que o homem só se torna homem, quando se dá aos outros. Será essa concepção sobre nós mesmos e sobre o lugar que ocupamos na vida que nos poderá ajudar a dar-lhe sentido, não obstante as tragédias pelas quais devemos passar. Essa concepção antropológica exige, pois, que estejamos convictos de que, além de nossas dimensões físicas e psicológicas, possuímos uma dimensão espiritual ou noética, especificamente humana, espiritual, não no sentido religioso, mas no de vida mental ou intelectual, que supõe um princípio de ação transcendente à materialidade do ser.

O homem, na sua integralidade, compreende as três dimensões, mas é a dimensão propriamente humana que lhe permitirá transcender a si mesmo e fazer dos significados e valores uma parte fundamental da sua existência. Nesse sentido, cada pessoa é um ser único, vivendo através de infinitos momentos únicos e insubstituíveis, cada um deles oferecendo um significado em potencial, isto é, aberto também para o futuro. Se reconhecermos esse potencial e formos capazes de corresponder a eles, nossa vida terá um sentido e a conduziremos de forma responsável e madura.

Para V. Frankl, somente quando nos elevamos à dimensão do espírito (mente), tornamo-nos um ser completo e maduro. A dimensão humana é a dimensão da liberdade: não a liberdade proveniente das condições, quer sejam elas biológicas, psicológicas ou sociológicas; nem a liberdade de alguma coisa, mas liberdade para alguma coisa, a liberdade de tomar uma atitude concernente às condições.

²⁵ Cf. LÄNGLE, *op. cit.*, p. 37-49.

Somente nos tornaremos seres humanos completos e maduros, quando atingirmos essa dimensão da liberdade. Somos prisioneiros da dimensão do corpo. Somos conduzidos pela dimensão psíquico-afetiva, mas na dimensão do espírito somos livres. Nós não apenas existimos, mas podemos exercer influência sobre a nossa existência. Podemos, não só decidir sobre que espécie de pessoas somos, mas que espécie de pessoa poderemos vir-a-ser. Dentro da dimensão noética, somos nós que fazemos a escolha.

Ignorar a dimensão espiritual é reducionismo, e aí está a origem do nosso mal-estar, a imaturidade, a sensação de vazio e de que a vida está desprovida de significado. O perigo de semelhante reducionismo nunca foi tão grande como agora. Frankl não nega que as forças biológicas, sociais e psicológicas exerçam grande influência sobre nós; mas, como declarou, «o homem é determinado, porém jamais pandeterminado»²⁶. Sob as mais restritas circunstâncias, possuímos uma área na qual podemos determinar nossas ações, nossas experiências, ou no mínimo nossas atitudes, e essa liberdade de autodeterminação repousa em nosso domínio noético.

«A liberdade oferece ao homem a oportunidade de mudar, de renunciar ao seu eu e inclusive de enfrentá-lo»²⁷. Dessa constatação pode-se tirar uma importante conclusão, de extensas conseqüências práticas, que poderia ser formulada da seguinte maneira: é fundamental admitir que, sob circunstâncias normais, o ser humano tem condições de resolver, por si mesmo, seus problemas de consciência e conflitos de valores e que a função da logoterapia consistirá, simplesmente, em ajudar o paciente a enxergá-los, reconhecendo não ser ele uma vítima indefesa da sua educação, do seu meio e dos seus impulsos interiores, mas que é capaz de resistir às suas influências como qualquer pessoa madura pode fazer.

4 Maturidade como capacidade de confronto com o sofrimento humano

O homem não pode deixar de sentir-se envolvido na necessária busca de respostas para as várias perguntas fundamentais que brotam naturalmente de sua própria razão: qual é a nossa origem? Qual a finalidade da vida? Como explicar a presença do mal, do sofrimento e a inevitabilidade da morte? E afirma com clareza a gravidade e intensidade desse problema, ao manifestar a sua constância e universalidade: em todos os tempos e lugares,

²⁶ FRANKL, V. *Um sentido para a vida*. p. 49.

²⁷ FIZZOTTI, E. *Compito e sfida*, p. 20.

esses interrogativos interpelam o coração humano e impelem-no a buscar uma resposta plena e definitiva.

Hoje em dia, sem dúvida alguma, há milhões de seres humanos tentados a perder a própria razão e esperança de viver, por estarem privados das condições materiais mínimas de existência, pela fome, pela indigência imposta pelas condições injustas da vida social, pela falta de trabalho, de recursos indispensáveis à educação, à assistência médica e social, etc.

Mas, diante desse quadro de sofrimento humano, hoje tão freqüente, tanto em nações pobres como em nações ricas, não se poderá deixar de reconhecer que ainda mais gravemente pesa sobre o ser humano, necessitado, não apenas de bens materiais, o fato de não estar conseguindo encontrar, freqüentemente, as razões e o significado da própria existência.

Não pretendemos, com isso, dizer que o sofrimento humano é essencial ou condição para encontrar um sentido na vida. Sempre que tal for possível, há que remover as causas mutáveis daquelas em que podemos interferir, nomeadamente aquelas que possam decorrer de uma intervenção técnica inadequada (má comunicação, falta de humanismo, negligência do controle dos sintomas). Se não removermos determinadas condições físicas de sofrimento humano, como os sintomas, dificilmente a pessoa doente poderá centrar-se nos aspectos mais profundos e transcendentais da busca de sentido. Não se trata de ser masoquista ou cultivar a experiência de sofrimento humano²⁸.

Queremos, com Frankl, sublinhar que é possível encontrar um sentido no sofrimento humano e evitar que ele seja destrutivo. O que destrói o ser humano não é o sofrimento humano, mas é o sofrimento sem sentido.

O sofrimento existencial advém freqüentemente da liberdade e da capacidade de exercer a responsabilidade pessoal pela própria vida, da capacidade dolorosa de ter que fazer escolhas.

Sabemos que o mais angustiante, para o homem moderno, e especialmente para os jovens, é a crise provocada pela falta de sentido e de significado da vida, o sentimento de vazio, e mais do que não a carência ou dificuldades para a consecução de outros bens.

Com o sofrimento humano, o indivíduo corre o risco de se desesperar. Mas há, também, «*indivíduos que fazem do sofrimento um motivo de desafio e processo de maturidade*»²⁹.

²⁸ Cf. FRANKL, V. *Homo Patiens. Soffrire con dignità*, p. 91.

²⁹ *Ibid.* p. 91.

Para o psicanalista de Viena, Victor Frankl, o homem é fundamentalmente um ser em busca de um significado. Se existe alguma coisa que o possa preservar, mesmo nas mais extremas situações de sofrimento, é a consciência de que a vida tem um sentido, ainda que não seja sempre imediato³⁰.

Pode-se dizer, por isso, que a existência humana depende da autotranscendência e a sobrevivência depende de um sentido. E não apenas a sobrevivência dos indivíduos, mas a própria sobrevivência da humanidade.

A profunda experiência de V. Frankl no campo de concentração de Auschwitz levou-o a ter como certo que cada pessoa é um ser único que pode reter uma última reserva de liberdade para tomar uma posição, ao menos interior, mesmo sob as mais adversas circunstâncias.

Frankl, ele próprio um sobrevivente de Auschwitz, afirmava que, mesmo nas condições mais extremas, isto é, a doença terminal, a prisão, uma pessoa tem a liberdade de escolher a atitude com que afrente essa crise existencial e de assim transformar uma tragédia pessoal num triunfo pessoal.

Nessa profunda dimensão do seu eu, nós sabemos que não apenas somos, mas a cada momento devemos decidir o que seremos. Quando somos despojados de tudo o que temos, isto é, família, amigos, influência, *status*, bens, etc., ninguém nos pode tirar a liberdade de tomar a decisão do que nos devemos tornar, porque essa liberdade não é algo que possuímos, mas algo que somos. Por isso mesmo, todo homem tem o poder e a liberdade de elevar-se acima do seu próprio eu e de tornar-se um ser humano muito melhor.

É fundamental também para V. Frankl a certeza de ser básica a motivação para viver, não a busca de satisfações, poder ou riquezas materiais, mas o encontro de um significado. Estes podem apenas contribuir para o nosso bem-estar, mas são simplesmente meios utilizados para atingir um fim, quando usados de forma significativa.

Queremos concluir, dizendo que a maturidade como capacidade de confronto com o sofrimento humano é possível, quando encontramos um sentido no sofrimento e evitamos que ele seja destrutivo, isto é, o que destrói o ser humano não é o sofrimento, é o sofrimento sem sentido. A prova disso está nos testemunhos de inúmeras pessoas doentes, verdadeiros heróis do cotidiano!

³⁰ *Ibid.*, p. 84.

Conclusão

A Logoterapia não se apresenta como a solução para os dilemas da humanidade, mas representa uma diretriz que mostra a necessidade de cada pessoa encontrar um sentido para a sua vida, para melhor atuar na sua realidade, em seu sofrimento, em sua existência. A Logoterapia quer ajudar o ser humano a encontrar o “*para quê*” viver, um sentido para a vida individual. Não visa dar um sentido, mas que cada ser procure o sentido da sua vida. Não se trata de inventar um sentido, ele já existe. A vida já tem um sentido desde o momento em que somos presentes no mundo, embora possamos não estar conscientes disso. A tarefa de cada um é o amadurecimento.

Em um mundo marcado pelo egoísmo, hedonismo e consumismo, que despersonalizam e deformam o ser humano, ele é chamado a ser parceiro no projeto criador de Deus. Não pode fechar os olhos e se acomodar, mas deve, segundo a vocação recebida, lutar para que o homem todo e todo homem amadureça e alcance a estatura de Jesus Cristo, “homem perfeito”, que viveu e anunciou o Evangelho do amor.